

FUTEBOL: UM TERRITÓRIO MASCULINO?

Liliana Herrera Melo Pereira¹
Priscila Manfron²
Jackson Fernando Mosko³
Natasha Santos⁴
Riqueldi Straub Lise⁵

Resumo

Este estudo questiona: o futebol é um esporte genuinamente masculino? Para responder tal questionamento, foram analisadas as torcidas organizadas no Brasil e os Hooligans na Europa. Concluiu-se que existem demonstrações de que o futebol ainda é um esporte predominantemente masculino, apesar das mulheres estarem cada vez mais envolvidas com o fenômeno.

Palavras Chaves: *futebol; gênero; sexualidade.*

Introdução

A popularidade do futebol no Brasil é inegável. Atrai a atenção de milhares de espectadores, indiferente à condição social, raça e/ou sexo, desde que este esporte de origem inglesa, encontrou em nosso país, condições de desenvolvimento.

Segundo Daolio (1997, p. 103), “(...) o futebol, como o carnaval e os rituais religiosos, além de outras práticas no Brasil, pode ser visto como um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira”.

É notório que este esporte está intimamente ligado à masculinidade, pois segundo Paim e Strey, “(...) ele incorpora os traços idealizados como masculinos: a agressividade, a lealdade, a competitividade, o combate, a rivalidade, o prazer da vitória, etc.” (PAIM & STREY, 2007). Características essas que, culturalmente, são negadas às mulheres, por serem vistas como figuras passivas pela sociedade. Tal afirmação pode ser evidenciada no seguinte trecho, apresentado por Jocimar Daolio:

O futebol está inserido no cotidiano das nossas vidas, não sendo possível deixar de vê-lo, ouvi-lo ou, pelo menos, saber sobre ele. É claro que os homens têm mais acesso ao futebol do que as mulheres. O menino quando nasce recebe, além do nome, um time de futebol, para o qual ele torcerá a vida toda. Os meninos, desde pequenos, brincam de chutar a bola e acabam por se tornar mais hábeis no futebol do que as meninas. Os homens freqüentam os estádios em número muito maior do que as mulheres. Todas essas características revelam o traço de masculinidade presente na própria sociedade brasileira, fato que pode ser comprovado também através do conteúdo dos gritos de guerra, hostilidades e xingamentos que os torcedores exprimem contra o time e a torcida adversários e contra o árbitro do jogo (DAOLIO, 1997, p. 124).

¹ Graduada em Educação Física – UP / GT Futebol & Sociedade – UFPR.

² Graduada em Educação Física – UP / GT Futebol & Sociedade - UFPR

³ Acadêmico – UP / GT Futebol & Sociedade - UFPR

⁴ Acadêmico – UP / GT Futebol & Sociedade - UFPR

⁵ Acadêmico – UP / GT Futebol & Sociedade - UFPR

No futebol, de fato, há uma “(...) exibição agressiva dos atributos da masculinidade” (SOUZA, 1996). A partir disso, considerando que o futebol é um jogo que simula um confronto, e que, conseqüentemente, permite atos de violência física, dentro e fora do campo, temos a questão das torcidas organizadas, que exemplifica a afirmação de que o futebol pode ser encarado como um território masculino.

Não é de hoje que a rivalidade entre os times transpassa as quatro linhas, chegando até as arquibancadas. Existem registros de que na década de quarenta já existiam grupos de torcedores fiéis. Com o desenvolvimento do futebol, surgiram jogadores profissionais, dirigentes, imprensa especializada, além de torcedores devotos a seus times e, mais recentemente, as torcidas organizadas (TOLEDO, 1996, p. 20).

As Torcidas Organizadas no Brasil

As torcidas organizadas são compostas por indivíduos de todas as classes sociais. Os torcedores são na sua maioria homens, sendo que, atualmente, é notória a presença de mulheres, inclusive com suas próprias torcidas organizadas – Camisa 12 (Vasco da Gama), Dragões da Real (São Paulo), Gatas da Fiel (Payssandu), entre outras. Entretanto, “(...) este espaço viril exclui todos aqueles que se insurgem contra a ‘virilidade triunfante’ e a feminilidade em geral” (COSTA, 2004).

No entanto, os torcedores não vão ao estádio somente para assistir aos jogos, vão também para expressar suas emoções (ELIAS & DUNNING, 1992) e, muitas vezes, para confrontar com as torcidas adversárias ou até mesmo, com torcedores do mesmo time. Para Paim e Strey:

A prática esportiva e/ou a participação em uma torcida, constitui momento de expansão de emoções reprimidas pelo meio social cotidiano. Assim, é no coletivo da torcida que o indivíduo encontra identidade e afinidade para manifestar suas repulsas e fazer coisas que não faria isoladamente. É a manifestação do sentimento de impotência e da frustração pessoal, diluídas no coletivo das arquibancadas (PAIM & STREY, 2007).

Constantemente, os torcedores acabam apresentando atitudes violentas após deixarem o estádio, ou até mesmo antes de entrarem nele. Quebram automóveis, danificam placas de trânsito, lâmpadas de postes, sem falar no que destroem dentro do próprio estádio ou no estádio do time adversário (PAIM & STREY, 2007).

Daolio afirma que “(...) a rivalidade entre torcidas é uma constante, sendo que, em alguns momentos extremos, gera verdadeiras batalhas campais, resultando até mesmo, em ferimentos graves e mortes” (DAOLIO, 1997, p. 102). Leonardo Bauer, discorrendo sobre a rivalidade no futebol, relembra que em 1995, o Brasil assistiu à maior briga já vista entre torcidas:

Era a decisão da Super Copa de Juniores e Palmeiras e São Paulo se enfrentariam no estádio do Pacaembu. Logo após o apito final do jogo, vencido pelo Palmeiras, a torcida invadiu o campo para comemorar o título e alguns torcedores palmeirenses começaram a provocar os tricolores que estavam nas arquibancadas. O alambrado foi derrubado e teve início a briga. O estádio do Pacaembu, que estava em reformas possuía centenas de pedras e paus nas imediações, e este material serviu de combustível para a tragédia.

Foram minutos com cenas de guerra regadas com muito sangue (BAUER, 2007).

Neste contexto, revelamos outro típico hábito do torcedor nos estádios: o comportamento verbal. Este pode ser expresso em cânticos e xingamentos e é classificado, de acordo com Toledo (1996, p. 65), em quatro categorias: de incentivo ao time e jogadores; de protestos; de intimidação e, por fim, de auto-afirmação das próprias torcidas. Os “palavrões”, inclusos nessas categorias e contidos nos cânticos, trazem, muitas vezes, a temática da sexualidade e exaltam características masculinas, como a virilidade. Além disso, o homossexualismo é usado como uma forma de ofender seus adversários. Exemplificando, apresentamos a seguir alguns cantos contidos no livro *Torcidas Organizadas de Futebol*:

[Auto-afirmação]:

“(...) Sou, Independente, eu sou! Vou dar porrada eu vou! Ninguém vai me segurar, nem a PM! (...)”.

[Incentivo]:

“(...) Santos entra em campo, torcida se levanta! E só dá ele... ê,ê,ê,ê bota pra fuder! (...)”.

[Intimidação]:

“(...) Independente, vem dar o cu pra gente! (...)”.

[Protesto]:

“(...) É, é, é, pau na bunda do gambé [polícia militar]! (...) (Toledo, 1996, p. 66).

Além dos cânticos, piadas envolvendo a identidade sexual dos jogadores e torcedores também são muito comuns fora e dentro dos estádios. Como afirma Streapco em artigo sobre a construção da identidade de masculinidade no Brasil através do futebol, “(...) num esporte que simula uma batalha, questionar a virilidade do adversário é desqualificá-lo para o embate” (STREAPCO, 2007). Dessa forma, verificamos o exemplo dos torcedores são-paulinos que há algum tempo passaram a ser chamados de bambis pelos adversários. Após entrevista do jogador Vampeta, antes de um confronto entre São Paulo e Corinthians, o termo se popularizou e o animal (bambi) até se transformou em sinônimo dos homossexuais no Brasil (STREAPCO, 2007). Na perspectiva de Bourdieu, a virilidade é uma carga para todo homem, que acaba sendo vítima da mesma, devido a toda essa representação dominante na sociedade (BOURDIEU, 1998, p. 64).

Os Hooligans Europeus

Na Europa, assim como no Brasil, observamos a presença de torcedores violentos. Os principais são os temidos torcedores ingleses, *os hooligans*.

Com base na teoria dos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning, acerca do desporto como área masculina reservada, temos a afirmativa de que para os *hooligans*, “(...) o jogo é, em especial, o meio de expressão de seu machismo (...)” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 406). Além disso, estes parecem estar mais preocupados com a “batalha” entre as torcidas após o jogo, do que com a partida de futebol em si. Nas palavras dos autores, “(...) é evidente que uma componente central do *hooliganismo* é a expressão de uma identidade masculina particular, o que se pode designar por um estilo

masculino violento” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 407). De acordo com eles, podemos aceitar que esse estilo, origina-se nas classes operárias (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 407). Dunning, em parceria com outros pesquisadores, chega a sugerir que o *hooliganismo* é uma área predominantemente reservada da classe trabalhadora, pois, os *hooligans* são oriundos, principalmente, de indivíduos com os problemas específicos inerentes às grandes cidades industriais e portos, onde se sabe existirem sub-culturas violentas e delinquentes. Além disso, 80% das pessoas acusadas de ofensas físicas relacionadas com o futebol são operários e desempregados (MURPHY, WILLIAMS & DUNNING, 1985, p.368).

Dentro dos estádios de futebol, aos diversos grupos *hooligans* não têm contato físico. Dessa forma, utilizam-se de artifícios – desde um simples copo de água, até garrafas de vidro e pedras, além das agressões verbais – a fim de atingir as torcidas adversárias e também os próprios jogadores (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 404). Como exemplo, no ano de 2005, em partida que decidia a vaga na semifinal da Liga dos Campeões, o goleiro Dida, do A. C. Milan, foi atingido por diversos sinalizadores arremessados pela torcida do F. C. Internazionale di Milano, quando esta equipe teve um gol anulado pelo árbitro. O jogo não chegou ao fim, e o Milan garantiu sua vaga na final.

Considerações Finais: futebol e demonstrações de virilidade

O próprio jogo de futebol é a representação de um confronto que se baseia, no fundamental, na expressão da masculinidade (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 409). Desse modo, percebemos que neste esporte os homens encontram espaço para manifestar suas emoções, e, muitas vezes, estas consistem na demonstração espalhafatosa de atos violentos.

Verificamos também que as torcidas organizadas acabam sendo um reflexo do próprio esporte, se considerarmos as características do mesmo. Além disso, mesmo com a presença feminina nas arquibancadas, o pensamento da sociedade acerca dessa participação passiva, é diferente em relação à dos homens. Como exemplo, a questão da mulher manifestar seu repúdio por meio de “palavrões”, é vista de maneira condenatória, atitude que, se apresentada por um indivíduo do gênero masculino, é considerada normal. Isto pode ser explicado a partir de uma visão conservadora da sociedade, que vê a mulher como uma figura essencialmente feminina, que não deve apresentar características que a masculinizem.

Entendemos, então, que sendo o futebol brasileiro um território masculino e conservador, seria praticamente impossível um domínio feminino nesta modalidade esportiva. A inferioridade feminina no futebol pode ser observada também nas páginas dos jornais, no que se refere à quantidade e qualidade das matérias que envolvem as atletas, as equipes e torneios femininos.

Referências

BAUER, L. *Painel Online: Ciência & Cultura*. Universidade Metodista de Piracicaba, 2007.

- BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- COSTA, L. M. Traduzindo o universo do futebol feminino. In: *Cadernos do Congresso Nacional de Lingüística e Filologia (CNFL)*, Série VIII, nº06. Rio de Janeiro, 2004.
- DUNNING, E & ELIAS, N. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N. & DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. *O Futebol no Banco dos Reús*. Oeiras: Celta, 1994.
- DAOLIO, J. *Cultura, Educação Física e Futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PAIM, M. C. C. e STREY, M. N. *Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo*. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - nº 103 - Diciembre de 2006. Acessado em 10 de junho de 2007.
- SOUZA, M. A. *A “nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro*. Dissertação de pós-graduação em Antropologia Social: Brasília, 1996.
- STREAPCO, J. P. *A virilidade brasileira nos campos de futebol*. <http://www.cidadedofutebol.com.br>. Acessado em 24 de agosto de 2007.
- TOLEDO, L. H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.